

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA A PRODUÇÃO TEXTUAL

REBECCA TAVARES DE MELO TOSCANO DE BRITO (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA).

Resumo

Nos dias atuais a prática da leitura está se tornando cada vez mais rara entre os educandos, o que favorece fracos desenvolvimento e desempenho na produção textual. Nas escolas, na maioria das vezes, a produção textual está sendo feita de forma mecânica, como treinamento da escrita. Dessa forma o produtor (aluno) acaba escrevendo um texto incoerente e superficial. Assim, podemos perceber que, através da prática da leitura, o aluno torna-se capaz de conhecer novas palavras e aprender novas estruturas gramaticais, aperfeiçoando sua escrita. É de grande importância ressaltar também que é necessário haver um comprometimento não só por parte da Escola (professores), mas também um incentivo familiar, para que os alunos percebam que a leitura é o alicerce da interação da palavra com o mundo. A respeito dessa afirmação, Freire (1996) diz que a leitura de mundo antecede a leitura da palavra, e que a leitura desta implica na continuidade da leitura daquele, isto é, da leitura de mundo. Desse modo, vemos o quanto a leitura é importante na formação de cidadãos (leitores) críticos, tornando-os capazes, ainda, de compreender os acontecimentos do mundo que os cercam. Logo, nosso objetivo é fazer uma reflexão teórica sobre a importância da leitura para a produção textual, enfatizando que o educador e o educando devem caminhar juntos e ter consciência de que a prática da leitura irá favorecer uma melhor produção da escrita. A partir do exposto, se faz necessário um trabalho mais comprometido, por parte da comunidade escolar, no que tange a iniciação à leitura, pois só a partir desta o indivíduo adquire uma bagagem de conhecimento pleno para ampliar sua visão de mundo, assim, teremos textos produzidos com mais conteúdo, clareza e criticidade.

Palavras-chave:

leitura, escrita, ensino.

INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje percebemos que a leitura e, conseqüentemente, uma eficaz produção textual estão se tornando uma prática defasada nas nossas escolas, os alunos parecem não gostar de ler e encaram a leitura de um texto ou livro como, muitas vezes, um castigo. Isso acontece porque nem a escola, nem os professores levam em consideração o cotidiano e o conhecimento "extra-escolar" do aluno, fazendo com que estes elaborem textos que valorizem apenas a norma culta, com o único objetivo de avaliação que será feita pelo professor.

Geraldi (2006, p. 120) nos mostra que "na situação escolar o aluno é obrigado a escrever dentro de certos padrões previamente estipulados e, além disso, seu texto será julgado. Consciente disso, o estudante procurará escrever a partir do que acredita que o professor gostará". Então, vemos que o aluno, na

maioria das vezes, não tem oportunidade de escolha, a escola não oferece liberdade ao aluno para poder escrever o que este deseja, e nem ao menos trabalha com as variações lingüísticas.

É de grande importância ressaltar, também, que é necessário que haja um comprometimento não só por parte da Escola (professores), mas também um incentivo familiar, para que os alunos percebam que a leitura é o alicerce da interação da palavra com o mundo. A respeito dessa afirmação, Chiappini (2001, p. 22) nos mostra que “ao promover a interação entre os indivíduos, a leitura compreendida não só como leitura da palavra, mas também como leitura do mundo, deve ser atividade constitutiva de sujeitos capazes de interagir com o mundo e nele atuar como cidadãos”.

Por sua vez, Freire (1996) diz que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, e que a leitura desta, ou seja, da palavra, implica na continuidade da leitura daquela, isto é, da leitura de mundo. Desse modo, vemos o quanto a leitura é importante na formação de cidadãos (leitores) críticos, como também nos torna capazes de compreender os acontecimentos do mundo que nos cerca.

Nosso objetivo foi fazer uma reflexão teórica sobre a importância da leitura para a produção textual, e descobrir se os alunos, de uma determinada instituição pública da cidade de João Pessoa – PB, acreditam que a leitura é importante para a produção textual, enfatizando que o educador e o educando devem caminhar juntos e ter consciência de que a prática da leitura irá favorecer ambos os lados, como também a importância do educador nesse processo, pois este tem o papel de fazer brotar nos estudantes o prazer pela leitura.

A PRÁTICA DA LEITURA E A PRODUÇÃO DE TEXTOS

A fim de obtermos uma melhor compreensão sobre a importância da leitura e, conseqüentemente, sobre as produções textuais, faz-se necessário compreendermos e analisarmos algumas concepções de leitura.

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que o seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela,

propondo outra não prevista. (LAJOLO apud GERALDI, 2003, p. 59).

A leitura, de acordo com a autora, torna-se um processo no qual o leitor participa, atribuindo significados aos sinais e demonstrando capacidade de dar sentido a eles, compreendê-los. Lajolo acredita na idéia de que a leitura conduz o leitor à diversas compreensões sobre o texto, concedendo seus significados relacionando a outros textos lidos por ele.

Percebemos, assim, que a leitura, tanto de mundo quanto da própria palavra, é importante, pois proporciona ao aluno/leitor uma visão mais ampla da sociedade em que ele está inserido. Dessa forma, constatamos que a leitura oferece subsídios técnicos e não-técnicos para que o aluno seja capaz de realizar uma produção textual eficaz.

As inúmeras concepções vigentes sobre leitura, grosso modo, podem ser sintetizadas em duas caracterizações: como decodificação mecânica de signos lingüísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta; e como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos. (MARTINS, 1994, p. 31).

Partindo dessa dicotomia leitura de palavra x leitura de mundo, temos um leitor que pode percorrer duas etapas: a primeira seria a de apenas decodificar os signos lingüísticos, decifrar o que está no papel na forma de código, que seriam o conhecimento das letras e palavras, sendo o conhecimento desses códigos e signos o suficiente para uma leitura eficaz. A segunda etapa seria a da leitura global: o leitor capaz de ler não só os códigos da língua, mas também de identificar as diferenças de significado e alterações que acontecem a sua volta.

Com isso, percebemos o ato de ler como algo maior do que apenas o decifrar de códigos, tendo mais união e ligação com o compreender para poder aplicar na realidade, fazendo com que tudo tenha sentido para o leitor, que lê o mundo a sua volta e torna seu conhecimento evidente e manifesto.

Geraldi (2006) nos mostra que para fazer surgir o interesse pela leitura nos alunos é preciso que o professor comece a prática da leitura por textos curtos, como contos, reportagens, como também textos que despertem a curiosidade nos alunos, depois da leitura com textos curtos, o professor deve introduzir as narrativas longas, como os romances e as novelas. O autor relata, ainda, que a partir das leituras com os textos curtos devem surgir as produções textuais. Geraldi (2006, p. 64) revela que “o texto deve servir de pretexto para a prática de produção de textos orais ou escritos”

A grande questão que se coloca é que a escola e os professores/educadores são os maiores responsáveis por incentivar os alunos a se tornarem leitores ativos. No entanto, como afirma Martins (1994, p. 28), “o que é considerado matéria de leitura, na escola, está longe de propiciar aprendizado tão vivo e duradouro (seja de que espécie for), [...] não é de admirar, pois, a preferência pela leitura de coisas bem diferentes daquelas impostas na sala de aula”.

Um questionamento freqüentemente discutido é “como os alunos irão sentir prazer em escrever se todos os anos eles escrevem sobre as mesmas coisas”. Não há uma diversidade nas produções textuais determinadas pelos professores, nem ao menos uma relação dos temas propostos com as experiências, conhecimento de mundo e o dia-a-dia dos alunos. Estes, muitas vezes, não apreciam a escrita, pois, como relata Geraldi (2006, p. 65) “a produção de textos na escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: os alunos escrevem para o professor (único leitor quando lê os textos). A situação da língua é, pois, artificial”.

Os alunos enfrentam grandes dificuldades, por sua vez a escola não prioriza o conhecimento que o aluno traz para a sala de aula, conhecimento este que poderia ser transformado em aulas de produção textual, sendo utilizado, assim, o trabalho com os gêneros textuais e com as variações lingüísticas.

FUNDAMENTOS PARA A PRODUÇÃO TEXTUAL

Para que a produção textual seja eficaz, se faz necessário que o produtor esteja em contato com textos coesos e coerentes. Assim, podemos compreender que a leitura é um importante veículo para um melhor desenvolvimento da escrita, portanto estando em proximidade com textos bem redigidos, o aluno começará a assimilar os componentes que devem constar na elaboração de um texto. Entre esses componentes, nós encontramos a coesão e a coerência textual.

Segundo Oliveira (2007, p. 195) “a coesão pode ser definida como um conjunto de estratégias de sequencialização responsável pelas ligações lingüísticas relevantes entre os constituintes articulados no texto”. Já Antunes (2005: 48) nos mostra que “a função da coesão é exatamente a de promover a continuidade do texto, para que não se perca o fio de unidade que garante a sua interpretabilidade”.

Já a coerência textual

diz respeito à construção do sentido textual, seja na perspectiva da produção pelo locutor, seja na recepção da codificação lingüística pelo interlocutor. A coerência, portanto, trata da possibilidade, e mesmo da necessidade, de atribuição de sentido às produções textuais, condição básica para que essas produções sejam entendidas e assumidas como tais. (Oliveira, 2008, p. 200).

Percebemos, desse modo, que os mecanismos de coesão textual são os elementos lingüísticos responsáveis pela estruturação da seqüência superficial do texto, enquanto que a coerência é a harmonia de sentido do texto, de modo que não haja nada ilógico, contraditório, desconexo. E, assim, torna-se de extrema importância que o aluno conheça estes mecanismos para que sua produção seja compreendida pelos outros leitores.

Ao ler um texto coeso, o educando poderá aos poucos assimilar o sentido da existência dos termos lingüísticos significativos na construção da textualidade, e estar atento à estrutura do texto. É necessário, ainda, que o docente propicie momentos de leitura e, simultaneamente, mostre aos alunos os elos conectivos presentes em um texto e a sua importância na produção de significados e o quanto é imprescindível ser coeso e coerente nas suas produções.

DISCUSSÃO

Acreditamos que a prática da leitura seja o principal fator para que os alunos, de qualquer idade, possam ser capazes de produzir textos de qualidade. Desse modo, o presente trabalho procurou saber a opinião de um grupo de 50 alunos de uma escola pública do município de João Pessoa, com idade entre 15 e 18 anos de ambos os sexos, acerca desta problemática.

Dois foram os questionamentos que nortearam esta pesquisa. Em um primeiro momento perguntamos: “Você acha que a leitura é importante para a produção textual? Justifique.” E, em um segundo momento foi perguntado: “Com que frequência você lê?” (as alternativas foram: muito, razoavelmente, pouco e raramente).

Todos os alunos responderam que a leitura é realmente importante para a produção textual, no entanto, em relação à segunda pergunta 80% dos alunos responderam que lêem raramente, os outros 20% responderam que lêem pouco. Percebemos que apesar de os alunos demonstrarem certa consciência de que a leitura é imprescindível para se escrever bem, eles lêem muito pouco. Podemos notar essa baixa porcentagem na leitura analisando algumas respostas dos alunos.

Em relação à primeira pergunta, uma das alunas respondeu: “Sim, muito importante pois ajuda na interpretação do texto, você sempre estando ciente no que esta lendo. A leitura é fundamental pois é através dela que você conhece novas palavras e tem facilidade nas expressões das palavras” (SIC). Outra aluna respondeu: “Sim. Lendo aprendemos mais, muitas vezes confundimos letras em certas palavras, pois não temos o abito de ler, a leitura nos leva a conhecer melhor a nossa língua” (SIC). Um dos alunos disse: “Sim, por que para nós poder fazer um texto, nós temos que ler para que esse texto venha ter qualidade e com isso venhamos ter um bom desenvolvimento ao falar e ao escrever, se a gente ler bem escreve bem também” (SIC). Percebemos que as repostas acima apresentam alguns erros de ortografia, concordância e de pontuação, erros que podem ter sido por falta de atenção e também por falta do hábito de ler.

Outras respostas nos mostram que os alunos reconhecem o porquê de a leitura ser importante para a produção textual. Um aluno respondeu: “Com a leitura, além de adquirir um bom conhecimento, adquirimos também sabedoria no

vocabulário" (SIC), outro respondeu: "Sim, por que para você produzir um texto, você precisa escrever e pra você poder escrever, você precisa ler" (SIC). Outra resposta interessante foi a seguinte: "Sim. Porque quando temos o hábito de ler aprendemos a imaginar, ou seja desperta a nossa criatividade o que é muito importante na hora da produção textual" (SIC).

A partir das respostas obtidas percebemos que os alunos estão conscientes de que a leitura ajuda na produção textual, porém são poucos os que costumam apresentar o prazer pela leitura, não tendo a oportunidade de conhecer novas palavras, expressões, formas gramaticais e, desse modo, tornar-se um melhor escritor.

CONCLUSÃO

Diante do que foi visto, notamos que a partir da prática da leitura, o aluno/leitor começará a conhecer mecanismos que lhe ajudará a administrar melhor sua produção, e irá dessa maneira, ampliar sua visão de mundo, enriquecer seu vocabulário, reconhecer os elos coesivos e a coerência textual. Entendemos que através do hábito e do gosto pela leitura o sujeito irá adquirir uma bagagem de conhecimento essencial para ampliar seus horizontes, o que poderá contribuir para que tenhamos produtores de textos com mais conteúdo, com clareza e criticidade.

A importância do trabalho com textos produzidos pelos próprios alunos merece consideração. As chamadas "redações", normalmente textos sem objetivos e produzidos puramente como avaliação, se constituiriam em material de apoio para os professores, uma vez que poderiam ser analisadas e usadas em sala de aula para mostrar aos alunos que eles são produtores de textos e que a gramática não é algo tão abstrato. Sugerimos, então, que os alunos refaçam os textos como exercício de análise lingüística e prática textual. Assim, pode-se fazer uma reflexão sobre língua e linguagem e, comparando textos orais e escritos, dos mais diversos gêneros, o aluno vai percebendo as variações lingüísticas existentes.

Como professores, sabemos que ler e escrever são ações culturais que devem ser ensinadas, dia-a-dia, no ambiente escolar, além do apoio dos familiares; que ninguém se torna leitor fora de um contexto cultural no qual o livro e a leitura tenham uma presença significativa; que não basta ensinar a reconhecer as letras

para formar um leitor, mas que é necessário oferecer textos diferentes, para que o aprendiz caminhe na direção da interpretação pessoal que é muito mais do que decodificar; que, para ler um texto, com um mínimo de fluência, são necessárias práticas permanentes de leitura de textos de qualidade; que é um desrespeito oferecer textos sem qualidade àquele que está aprendendo a ler. O conteúdo do trabalho revela, ainda, que elaborar um texto coeso e coerente é sinal de compreensão de mundo, competência gramatical, discursiva, lingüística e, conseqüentemente, hábito de leitura.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras**: coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CHIAPPINI, Ligia (Coord.). **Aprender e ensinar com texto**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 37 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996

GERALDI, João Wanderley. **Unidades básicas do ensino do português**. 3ª ed. São Paulo, 2003.

MARTINS, Maria Helena. Ampliando a noção de leitura. In: **O que é leitura**. 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 22 - 35.

OLIVEIRA, Margarida Rios. Lingüística Textual. In: **Manual de lingüística**. São Paulo: Contexto, 2008.